

■ O HFA é um hospital ocioso. Apenas 60% da sua capacidade de atendimento são utilizadas, dizem seus funcionários

Pág. 3

■ Mil por dia, 30 mil a cada mês. Este é o número de multas que o Detran aplica aos motoristas de Brasília

Pág. 4

PLANO PILOTO SATÉLITES GEOECONÔMICA

- 7 MAR 1991

Brasília, quinta-feira, 7 de março de 1991

6

6

Choque elétrico é risco em escolas

DF - Educação

CARLOS JACOBINA

Isaac Marra
Da Sucursal

Taguatinga — É Literalmente "chocante" a situação das escolas de argamassa construídas na Expansão do Setor O, um bairro pobre na periferia da Cei-lândia. Basta chover para que portas, painéis, paredes, pilastres, bebedouros e quadros-negros, fiquem eletrificados. Nesse caso, um simples esbarrão é sinônimo de choque e de risco de vida. As escolas-classe 53, 55 e 56, além do Centro de Ensino 17, reúnem mais de cinco mil alunos da 1^a à 8^a série e, nem por isso, recebeu a atenção das autoridades governamentais. O quadro é tão negro, que se torna difícil saber qual desses estabelecimentos de ensino é mais problemático.

Além de vazamento elétrico nas instalações das escolas outros problemas afligem a comunidade escolar. A falta de manutenção nas instalações hidráulicas força os alunos a beberem água das torneiras dos banheiros e dos pátios, com exceção da EC 55, na EQNO 19/20, que dispõe de um filtro em cada sala de aula, adquiridas graças ao esforço dos professores e da comunidade. A chuva, além de provocar os choques, também é responsável pelo alagamento de algumas salas. As sheds — uma espécie de janela que propicia iluminação natural — depredadas permitem a entrada da água e impedem a sequência normal das aulas.

Energia interrompida — Outro agravante à situação desesperadora de alunos, pais e professores, é o fato do fornecimento de energia elétrica ter de ser interrompido para evitar que os alunos tomem choques. A falta de uma sequência normal de aulas "é altamente prejudicial ao aprendizado dos alunos", explica a professora Rosemary Nogueira, diretora da Ec 56 na EQNO 18/19. Esse estabelecimento enfrenta um sério problema de entupimento da rede de esgotos e teve as aulas suspensas na segunda-feira, já que a água fétida invadiu o pátio e as salas de aula da escola.

Outra deficiência das escolas de argamassa — cuja fábrica foi desativada — é a péssima acústica existente nas salas de aula. "Por mais silêncio que os alunos façam, é impossível que o som chegue aos que se sentam no final da sala", desabafa a professora Marilda Rodrigues, apoio pédagogico do CE 17, na EQNO 17/18, lado ímpar. Além do mais, estudantes e professores têm constantes dores de ouvido, provocadas pela má propagação das ondas sonoras, continua ela, lembrando que três professores da escola apresentam problemas de sinusite em função da qualidade de acústica.

Mão-de-obra — Desprovida de mão-de-obra qualificada para proceder a manutenção nas instalações elétricas e hidráulicas das escolas de argamassa, a Fundação Educacional praticamente nada pode fazer para melhorar as condições de trabalho e de aprendizagem nesses estabelecimentos.



As escolas de argamassa se tornam perigosas com as chuvas. Elas ficam eletrificadas e até as paredes dão choques